

HETEROPHOTOPIA

Carlos Nigro

Como citar esse texto: NIGRO, C. Heterophotopia. **V!RUS**, São Carlos, n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=5&item=3&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

Carlos Nigro é Mestre em Gestão Urbana, Professor da Escola de Arquitetura e Design, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Estuda diagnóstico e planejamento do espaço urbano e arquitetônico, e gestão sistêmica.

O enfrentamento crítico e analítico dos tempos difíceis, por meio de uma proposta inovadora de transformação social, visa o bem-comum pelo reconhecimento das diversidades e pela diminuição das desigualdades. É uma ação de resistência frente aos espaços de conflito que desestabilizam, diante de um horizonte aberto por complexidades e de infinitas possibilidades de experimentações metodológicas para o seu entendimento.

Heterophotopia¹ é um termo criado e estabelecido a partir de um ensaio fotográfico autoral de heterotopias de compensação, isto é, contraespaços, lugares absolutamente diferentes (FOUCAULT, 2013).

A partir de uma vivência de percepção, narrativa e compreensão da complexidade (MORIN, 2006) dos territórios de vulnerabilidade social e dos seus atores, por meio de caminhadas urbanas (CARERI, 2015) e das situações que emergem a partir destas errâncias (JACQUES, 2005), o ensaio deixa-se ser levado pelo acaso ou pela escuta de um grito silencioso: manifesto de sobrevivência que emerge à sua frente.

A existência deste vazio investigativo científico e artístico sugere o aprofundamento de análises voltadas para a gestão urbana, por meio de procedimentos e metodologias ferramentais experimentais de percepção subjetiva de refúgios (CARTOGRAFIAS Urbanas, 2016) e por meio da visibilidade da complexidade (CORPOCIDADE 5, 2016) destes territórios de vulnerabilidade social, fundamentados pela filosofia da psicanálise e pela dimensão artística do viver e do atuar na cidade, e dos seus mecanismos de suporte de registro, que monitoram processos de ocupação.

Propõe-se, assim, através deste ensaio científico e não-verbal, derivar em um vazio investigativo urbanístico que tem como anteparo a fotografia de arte dos outros espaços e dos seus signos descobertos, promotora de desestabilizações que se nutrem de fundamentos transdisciplinares, sejam por abstrações, analogias e metáforas, com os seus significados que denunciam fenômenos sociais e comportamentos diversos de conflitos não resolvidos.

Esses outros espaços, periféricos ou não, lidam com a violação de direitos humanos, com o medo, com a privação, com a segregação e com a desarmonia caracterizados por gestos culturais, e pelos seus signos pós-gestuais, testemunhos, rastros e índices de um cenário segregado e não desenvolvimentista.

A percepção das diversidades e das desigualdades sociais manifestadas nestes outros espaços, e das experiências corporais dos refugiados que ali também se manifestam e os ocupam, caracterizam o mundo subjetivo da representação, por empatia.

As imagens produzidas pelo ensaio fotográfico conferem tangibilidade à percepção desses territórios de vulnerabilidade social tecidos pela pobreza, pela privação e/ou fragilização de vínculos afetivos de relacionamento familiar ou comunitário, e de pertencimento social, ou a sua negação/não-reprodução, cuja ação dos indivíduos ou dos grupos sociais é libertadora e revolucionária.

Assim, também trazem ao plano da visibilidade a dimensão filosófica e psicanalítica do ser social, muito mais próximo da sua capacidade criadora, o que permite decifrar a subjetividade inerente, ou melhor, as produções coletivas de subjetividade, isto é, as formações subjetivas inconscientes sociais (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Dentre outros, o descarte e a forma do seu enfrentamento social é um signo metafísico que sintetiza, mas não reduz, a visibilidade desta subjetividade, ou melhor, da materialidade de uma dimensão da (in)sustentabilidade urbana (NIGRO, 2007).

Com essa abordagem, assim fundamentada, apresenta-se o ensaio fotográfico Microcosmo do Improviso_Heterophotopia # 0, propósito de conscientização dos padrões de auto-organização e das interdependências sistêmicas não-lineares de um organismo social, vivo, dinâmico e emergente chamado cidade (JOHNSON, 2003), máquina geradora de desejos/desejos geradores de cidades, através da arte fotográfica.

Subtis e sensíveis conexões conceituais surgem pela intuição e pela intenção também política, à recusa das convenções sociais, de se romper com padrões estéticos e com o *status quo* dos tradicionais mecanismos ferramentais economicistas de um modelo planejamento urbano de gabinete, o que revela um fio condutor invisível, porém de transformação cultural, tal como um manifesto destes tempos difíceis.

As heterophotopias destes territórios de vulnerabilidade narram e mapeiam a visibilidade do desejo e da inquietação humana, visceral e existencialista, o que provoca o despertar para uma fonte de luz transformadora e de cura social, pois rompe e enfrenta este *status quo* dominante de reprodução de modelos sociais.

Intervenções urbanísticas mais enraizadas, coerentes, assertivas e não voltadas à espetacularização poderão ser prognosticadas e co-criadas a partir desta narrativa reveladora mapeável?

O que podemos aprender com essa esquizofrenia, isto é, com esses seres refugiados ou com essas situações esquizofrênicas, sem raízes?

Os outros espaços são esconderijos ou “encontrarijos”?

Perder-se é encontrar-se?

Em paralelo, o presente ensaio tem como sua maior referência fotográfica contemporânea uma estética desestabilizadora (BALLEN, 2014), psicologicamente poderosa, força de uma atitude intuitiva, experimental, espiritualista, existencialista, cuja energia se nutre de uma ética embutida em um corpo físico e na sociedade, aqui fundamentado pelo legado deixado pelos situacionistas a partir do urbanismo unitário (JACQUES, 2003), pela esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 2010) e pela prática da gestão urbana não institucionalizada, que depende, acima de tudo, de uma correlação

de olhares abstratos e mais criativos (JENNY, 2014) que possa reconhecer os padrões de auto-organização social que emergem como respostas a esses tempos difíceis.

As imagens abaixo são do ensaio Heterophotopia, de autoria de Carlos Nigro:



V!RUS13

para tempos difíceis
Boas notícias
Good news
for hard times

ano 2016 year 1 semestre 2 semester
revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn:2175.974x | CC BY - NC
DOI 10.4237/virus_journal





Nota

¹O projeto **Heterophotopia** é desenvolvido pelo autor. Para maiores informações, acesse o Facebook (www.facebook.com/heterophotopia) ou o Instagram (www.instagram.com/heterophotopia).

Referências

BALLEN, R. **Asylum of the birds**. Londres: Thames and Hudson, 2014.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

CARTOGRAFIAS Urbanas. [plataforma online] São Carlos: USP, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/cartografiasurbanas/refugios/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

CORPOCIDADE 5. [plataforma online] Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <<http://www.corpocidade5.dan.ufba.br/index.php/atravessamentos/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

JACQUES, P. B. Breve histórico da Internacional Situacionista-IS. **ARQtextos**, São Paulo, ano 03, n. 035.05, abr. 2003. Disponível em:



<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

JACQUES, P. B. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **ARQtextos**, v. 7, Porto Alegre: UFRS, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

JENNY, P. **Um olhar criativo**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

JOHNSON, S. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NIGRO, C.D. **(In) Sustentabilidade Urbana**. Curitiba: IBPEX, 2007.